

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM POLÍTICAS DE PROMOÇÃO DA  
IGUALDADE RACIAL NA ESCOLA**

**Lany Pereira da Silva**

**O PROTAGONISMO NEGRO NA LITERATURA**

**Belo Horizonte  
2016**

**Lany Pereira da Silva**

**O PROTAGONISMO NEGRO NA LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, pelo Curso de Especialização em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Patrícia Maria de Souza Santana

**Belo Horizonte**

**2016**

**Lany Pereira da Silva**

**O PROTAGONISMO NEGRO NA LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, pelo Curso de Especialização em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Patrícia Maria de Souza Santana

Aprovado em 09 de abril de 2016.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Nome orientador – Faculdade de Educação da UFMG

---

Nome do Convidado – Instituição a que pertence

## **RESUMO**

O texto tem a intenção de trazer algumas reflexões sobre o ato de fazer, pensar e veicular o texto literário negro e a presença negra na literatura brasileira. A presença do negro na literatura brasileira não desvia do marco marginal que, desde as instâncias fundadoras, marca a etnia no processo de construção da nossa sociedade. Tem-se, dessa maneira, literatura sobre o negro, de um lado, e literatura do negro, de outro. O estudo, também, diz sobre o protagonismo negro e como esse vem sendo ressignificado na literatura brasileira com o passar dos anos.

Reconhecida a importância da literatura na construção do sujeito, é de grande relevância a literatura africana e afro-brasileira. Levar os nomes de autores que trabalhe com a temática africanidades para a sala de aula, não somente, respeita a Lei 10.639/03, que inclui o ensino da História e Cultura Africana no currículo das escolas brasileiras como, também, tem como foco o estímulo a valores como diversidade e apreciação da cultura negra.

Palavras-chave: LITERATURA NEGRA; LITERATURA AFRO-BRASILEIRA; FEMINISMO NEGRO; LEI 10639/03; PROTAGONISMO NEGRO

## *Abstract*

The text is intended to give some reflections on the act of doing, thinking, and serve the black literary text and the black presence in Brazilian literature. The presence of the black in Brazilian literature does not deviate from marginal in mark that since the founding instances, brand ethnicity in the construction process of our society. It is in this way literature on black on one side and black from the literature on the other. The study also says about black leadership and how this has been reframed in Brazilian literature over the years.

Recognized the importance of literature in the construction of the subject is of great importance to African literature and african-Brazilian. Take the names of authors who work with the theme Africanities to the classroom, not only respects the Law 10.639 / 03, which includes the teaching of history and African culture in the curriculum of Brazilian schools as also focuses on stimulus the values of diversity and appreciation of black culture.

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1. INTRODUÇÃO .....</b>                             | <b>6</b>  |
| <b>2.O NEGRO NA LITERARURA BRASILEIRA.....</b>         | <b>10</b> |
| <b>3. A MULHER NEGRA NA LITERATURA BRASILEIRA.....</b> | <b>16</b> |
| <b>4. AVANÇOS NO PROTAGONISMO NEGRO.....</b>           | <b>18</b> |
| <b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                    | <b>20</b> |
| <b>6.REFERÊNCIAS.....</b>                              | <b>23</b> |

## 1. INTRODUÇÃO

Definir o que seria literatura afro-brasileira e qual a relevância de um protagonismo negro na literatura brasileira é uma questão que tem suscitado reflexões diversas. Alguns acadêmicos têm defendido um *corpus* que se constituiria como uma produção escrita marcada por uma subjetividade construída, experimentada, vivenciada a partir da condição de homens negros e de mulheres negras na sociedade brasileira. Contudo, há estudiosos, leitores e mesmo escritores afrodescendentes que negam a existência de uma literatura afro-brasileira. Apegam-se à defesa de que a arte é universal, e mais do que isso, não consideram que a experiência das pessoas negras ou afrodescendentes possa instituir um modo próprio de produzir e de conceber um texto literário, com todas as suas implicações estéticas e ideológicas. Convém ainda ressaltar que, mesmo da parte daqueles que reconhecem a existência de uma literatura afro-brasileira ou negra, há divergências de entendimento quando se coloca a questão do sujeito autoral e a sua “insinuação”, a sua “infiltração”, o seu “intrometimento” enquanto voz que se enuncia no texto.

A visão distanciada configura-se em textos nos quais o negro ou o descendente de negro reconhecido como tal é personagem, ou em que aspectos ligados às vivências do negro na realidade histórico-cultural do Brasil se tornam assunto ou tema. Envolve, entretanto, procedimentos que, com poucas exceções, indiciam ideologias, atitudes e estereótipos da estética branca dominante.

As discussões em torno do tema têm me instigado como professora negra. A partir da leitura de diversos textos literários, venho observando a necessidade de um número maior de uma literatura afro-brasileira acessível aos estudantes da educação básica, como, também, de um protagonismo negro na literatura brasileira.

O presente trabalho descreve as análises feitas de leituras literárias de alguns livros brasileiros que têm personagens negros e como, esses, são descritos em alguns textos.

Quando eu era aluna, do ensino fundamental e médio, nas décadas de 80 e 90, a literatura brasileira teve um papel importante na minha formação como leitora. No entanto, nunca tive uma atenção especial em relação ao negro na literatura. Visto que não havia personagens negros com quem eu pudesse me identificar e nem tampouco professores que nos incitassem

ao debate acerca da questão negra na literatura. Eu, embora negra e moradora em um país tropical, me imaginava uma dessas princesas de países nórdicos, loira e a espera de um príncipe.

Com o passar do tempo, tive contato com o livro “Escrava Isaura”, de Bernardo Guimarães e embora a protagonista fosse escrava e mestiça, essa, apresentava fenótipos caucasianos que lhe negavam qualquer traço de ascendência negra.

Em 1996, na Faculdade de Letras- FALE, na UFMG, conheci o livro “O Cortiço”, de Aluísio de Azevedo, em que a personagem mestiça Rita Baiana era descrita como uma fêmea no cio, infértil e excluída socialmente.

Também, de Aluísio de Azevedo, tive acesso ao livro “O Mulato”, em que Raimundo, o personagem central do livro, desconhecia sua ascendência negra, visto que fora retratado e criado como branco. Bem marcados nas obras mencionadas, do século XIX, estão o determinismo histórico, a ideia de inferioridade negra e a marginalização do povo negro.

Ainda na faculdade de Letras, li o livro “Macunaíma”, de Mário de Andrade. Lembro-me da professora nos dizer que o livro era uma “rapsódia” e nada mais. Sem uma análise crítica adequada, que deveria ter sido feita na época, analisei o livro como um compêndio que reafirmava a inferiorização do negro e do índio, em contraste com a “civilidade” do homem branco.

Embora eu tivera acesso a essas obras, como leituras obrigatórias no curso de Letras nas aulas de literatura da FALE, não havia uma discussão aprofundada da presença negra e da relevância negra na literatura brasileira.

Candido nos lembra que a literatura é um direito de todo ser humano. Para ele os direitos humanos referem-se às coisas que são tão indispensáveis para nós quanto para o próximo. Considera ainda que a literatura seja fator indispensável de humanização, por isso acrescenta:

Entendo aqui por humanização o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós uma quota de

humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 1995, p. 249).

Desse modo, ratifica-se a justificativa para a presença de autores negros e de personagens negros no *currículo* escolar brasileiro. Há nessas literaturas certa realidade, tem-se um documento lúdico e crítico, sobretudo original. Os textos conciliam imaginação e vivência, aproximam o leitor, acionam sua fantasia e ao mesmo tempo o faz refletir sobre o seu cotidiano.

No livro “Negritude: Usos e sentidos”, do professor kabengele Munanga (2009), há o desejo de uma construção literária negra, de um pan-africanismo literário. Em alguns textos literários de autores negros, encontramos esse desejo em unificar o povo negro e, principalmente, contribuir na construção de identidade de nação e da configuração social, cultural, política e econômica no Brasil e de outros povos negros.

Em relação à construção identitária do negro, no Brasil, no livro acima citado, Munanga diz sobre a negritude e seu significado como identidade do povo negro e o quanto essa foi negada de vários modos. Além disso, faz uma busca no histórico do conceito de negritude e como as práticas racistas foram legitimadas pela ciência ao longo do tempo.

Traz indagações como: “O que significam a negritude e a identidade para as bases populares negras e para a militância do movimento negro? Por onde deve passar o discurso sobre essa identidade contrastante do negro, cuja base seria a negritude? Passaria pela cor da pele e pelo corpo unicamente ou pela cultura e pela consciência do oprimido?” A partir de questionamentos como esses, Munanga debruça-se sobre a construção identitária do Brasil ao longo dos tempos, partindo do princípio de que o conceito de identidade recobre uma realidade muito mais complexa do que se pensa, englobando fatores históricos, psicológicos, linguísticos, culturais, político-ideológicos e raciais.

O mercado editorial brasileiro, mesmo ciente da importância da lei para estimular crianças e jovens a conhecer a matriz africana de nossa cultura, possui um número muito restrito de publicações voltadas à obra ficcional de autores africanos de língua portuguesa, no entanto, já encontramos, nos dias de hoje, um razoável número de títulos de livros com a temática afro-brasileira.

É importante para o negro brasileiro se ver representado em todos os segmentos sociais, inclusive na literatura. Por isso, é bem pertinente o texto de Neusa Santos Sousa, “Tornar-se negro” (1983), nesse livro a autora procura romper a precariedade de estudos sobre a vida emocional dos negros. Diante da flácida omissão com que a teoria psicanalítica tem tratado deste assunto, a autora apresenta reflexões profundas e inquietantes sobre o custo emocional da sujeição, da negação da própria cultura e do próprio corpo. O negro que se empenha na conquista da ascensão social para o preço do massacre de sua identidade. Toma o branco como modelo de identificação, como única possibilidade de “tornar-se gente”. Precisamos participar nossos alunos da literatura que tenha o negro como protagonista, para que esses de origem afro-brasileira se identifiquem negros e se orgulhem de sua etnia. E para que os brancos saibam que há um protagonismo negro na literatura, tão legítimo quanto o protagonismo branco.

Já no texto “ Educação e raça”, ABRAMOWICS et al (2010) fazem uma reflexão sobre a diversidade étnico-racial dentro da sociedade, da universidade e da educação básica, por meio de opiniões, interpretações e relatos de pesquisas sobre como conciliar raça, educação e nação. Traz indagações tais como: “Quem é o “Outro” na educação?” “ Como se constitui o “Outro” no processo de produção das identidades?” “O que significa a experiência racial?” “Quais as possibilidades teóricas e práticas de pensar a realidade social a partir da ideia de raça?” “ Como estabelecer a relação entre escola, currículo e relações étnico-raciais?” Essas são algumas das questões analisadas nesta obra fundamental para aqueles que pretendem enfrentar o complexo debate sobre a diferença, as desigualdades e as redes sociais sob a perspectiva racial no campo da educação.

Acredita-se que, quando bem trabalhadas as relações étnico-raciais, torna-se fundamental para a construção de uma identidade de diversidade e respeito às diferenças.

É necessária uma educação democrática, com novos paradigmas educativos de valorização da diversidade cultural garantindo respeito às diferenças da cultura negra, afro-brasileira. Portanto, a inserção da literatura negra trará contribuições como a desconstrução do imaginário preconceituoso, estabelecendo a importância do povo negro e da cultura na construção da história brasileira, valorizando-os positivamente por meio da escola, alcançando mecanismo de transformação social para a construção de uma sociedade justa e igualitária nas relações culturais e na união de forças para a valorização da diversidade.

Através da análise de uma literatura negra, escrita por negros e que tenha como protagonista o povo negro, pretendo como docente interferir de forma positiva na construção do sujeito, do indivíduo de etnia negra, perceber o que há em comum entre nós negros e os outros negros; ou entre nós e os múltiplos negros de nós. E aos estudantes brancos permitir que tenham acesso a uma literatura negra que durante muito tempo esteve invisibilizada nos currículos escolares.

Tenho por objetivos com esse texto, discorrer sobre como o personagem negro aparece em algumas obras literárias e sobre a importância de ser naturalizado nos livros literários contemporâneos o protagonismo negro.

## **2-O NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA**

O conceito “literatura negra” é ainda bastante polêmico, pois o fato de justapor um adjetivo à palavra literatura será sempre problemático, na medida em que um qualificativo acaba, sem dúvida, por circunscrever a amplitude do termo.

É nesse sentido que, para alguns estudiosos, o uso de expressões como “literatura negra”, “literatura afro-brasileira”, ou ainda, “literatura afrodescendente brasileira” revela posturas delimitadoras, que aprisionam e rotulam toda uma produção literária.

Luiza Lobo, ao procurar conceituar o que seria literatura negra, levanta o dado étnico, que em sua definição é marca substancial. Pontua que a existência da literatura negra se dá a partir do momento em que o negro deixa de ser somente tema, deixa de ser objeto para uma literatura alheia e passa a criar a sua própria, assumindo o papel de sujeito. Para ela, essa mudança de posição, de papel, define o surgimento da literatura negra no Brasil.

Um dos aspectos primordiais que ao meu ver define a literatura negra, muito embora não seja um elemento norteador, em geral, dos estudos sobre o assunto, é o fato de a literatura negra do Brasil – ou afro-brasileira – ter surgido quando o negro passa de objeto a sujeito dessa literatura e cria a sua própria história; quando o negro visto geralmente de forma estereotipada, deixa de ser tema para autores brancos para criarem sua própria escritura no sentido de Derrida: a sua própria visão de mundo. Só pode ser considerada literatura negra, portanto, a escritura de africanos e seus descendentes que assumem ideologicamente a identidade de negros (LOBO,1988)

Otávio Ianni (1999, p. 91), analisando o conceito no âmbito do sistema literário brasileiro, afirma que:

A literatura negra é um imaginário que se forma, articula e transforma no curso do tempo. Não surge de um momento para outro, nem é autônoma desde o primeiro instante. Sua história está assinalada por autores, obras, temas, invenções literárias. É um imaginário que se articula aqui e ali, conforme o diálogo de autores, obras, temas, invenções literárias. É um movimento, um devir, no sentido de que se forma e transforma. Aos poucos, por dentro e por fora da literatura brasileira, surge a literatura negra, como um todo com perfil próprio, um sistema significativo.

Zilá Bernd (1998) considera a existência de uma literatura negra, que se diferencia daquela literatura que apenas tematiza o negro, pelo surgimento de um "eu enunciador" que se quer negro, assumindo posicionamentos políticos e ideológicos.

Nessa linha de pensamento, continua a ensaísta, o único critério possível para conceituar uma escritura negra seria o critério discursivo: a emergência do "eu enunciador" que se quer negro é o elemento-chave que singulariza essas obras. O surgimento de um emissor que assume sua condição de negro constituir-se-á no marco divisório entre um discurso sobre o negro, de alguma maneira presente na literatura brasileira, e um discurso do negro, que traria em sua gênese a marca de reinvenção da representação convencional construída ao longo do tempo.

Nos Cadernos Negros 7, Cuti (2002) afirma que "a literatura negra não é só uma questão de pele, é uma questão de mergulhar em determinados sentimentos de nacionalidade, enraizados na própria história do africano no Brasil e sua descendência, trazendo um lado do Brasil que é camuflado."

Ao aluno deve ser dada a oportunidade de conhecer textos que problematizam significados historicamente colocados. Esse descentramento garante, desta forma, a pluralidade e diversidade na elaboração simbólica do mundo, refletindo postura ideológica, pois como nos lembra Enio Orlandi (1998, p. 13):

Não existe discurso sem sujeito nem sujeito sem ideologia. É da remissão do discurso à formação discursiva e da delimitação desta pela sua relação com a formação ideológica que qualquer prática de linguagem adquire sentido. Os sentidos e o sujeito se constituem ao mesmo tempo no interior de uma formação discursiva no confronto entre as diferentes formações. Esta relação constitui a historicidade do sujeito e dos sentidos.

Tendo sido o corpo negro, durante séculos, violado em sua integridade física, interdito em seu espaço individual e coletivo pelo sistema escravocrata do passado e, ainda hoje, pelos modos de relações raciais que vigoram em nossa sociedade, coube aos brasileiros, descendentes de africanos, inventarem formas de resistência que marcaram profundamente a nação brasileira. Produtos culturais como a música, a dança, o jogo de capoeira, a culinária e certos modos de vivência religiosa são apontados pelos historiadores como aspectos peculiares da nação brasileira, distinguindo certa africanidade reinventada no Brasil.

Ao observar a pouca presença de personagens negros na literatura brasileira, em relação à imensa gama de personagens brancos, com seus papéis de protagonistas da história, Luis da Silva Cuti, iniciador de “Cadernos negros” e fundador do grupo Quilombhoje de São Paulo, afirma que a literatura brasileira é abusivamente branca, “em seu propósito de invisibilizar e estereotipar o negro e o mestiço” (CUTI, 2002, p. 32). Uma pesquisa recente de Regina Dalcastagnè constata que “a personagem do romance brasileiro contemporâneo é branca” (2008, p. 87-110), a partir do resultado da análise de 258 romances publicados entre 1993 e 2008, por três grandes editoras brasileiras. As afirmativas de Cuti e de Dalcastagnè podem ser certificadas em vários momentos da literatura brasileira que, em consonância com o discurso político, religioso, educacional, medicinal e outros, traz, em seu bojo, uma gama de estereótipos de negro.

Temos na literatura brasileira o escravo nobre, que vence por força de seu branqueamento, embora a custo de muito sacrifício e humilhação. É o caso da escrava Isaura, do livro do mesmo nome, escrito por Bernardo Guimarães e publicado em 1872 e de Raimundo, o belíssimo mulato de olhos azuis criado por Aluísio de Azevedo em *O mulato*, lançado em 1881. Essa nobreza identifica-se claramente com a aceitação da submissão, apesar da bandeira abolicionista que o primeiro pretende empunhar e da denúncia do preconceito assumida pelo segundo.

Raimundo, por sua vez, desconhecedor de sua origem de mãe escrava, sabida, porém, “por quantos conheceram os seus parentes no Maranhão”, também faz uma severa autoavaliação, na cena de sua quase renúncia, que só não se consuma por força do determinismo biológico e circunstancial que comanda os comportamentos no romance. No final, Raimundo reage, irritado, e toma posição, o que lhe custará a própria vida.

À nobreza de caráter de Isaura e de Raimundo associa-se outra dimensão estereotipada: a do negro vítima, sobretudo quando escravo. Nessa ótica, ele se transfigura em objeto de idealização, pretexto para a exaltação da liberdade e defesa da causa abolicionista, como nos empolgados versos de Castro Alves (1860), poeta romântico. “O navio negreiro”, por exemplo, um de seus textos antológicos, destaca a desumanidade que marcava o tráfico dos escravos, então já abolido.

Em “O navio negreiro”, o apelo a que empunhem a bandeira da libertação é feito aos “heróis do Novo Mundo”, a Andrada, o patriarca da independência brasileira, a Colombo, o descobridor da América. Estamos diante de uma poesia que não foge à tônica do seu tempo, necessário dizê-lo. Apesar do seu empenho consciente e do seu entusiasmo, o poeta não consegue livrar-se, nos seus textos, das marcas profundas de uma formação desenvolvida no bojo de uma cultura escravista. O que move a sua indignação é, sobretudo, o sofrimento do negro, que ele vê como ser humano, e mais a necessidade de a nação livrar-se da mancha da escravidão. Ele, como percebeu José Guilherme Merquior

Não busca a especificidade cultural e psicológica do negro; ao contrário, assimilando-lhe o caráter aos ideais de comportamento da raça dominante, branqueia a figura moral do preto, facilitando-lhe assim a identificação simpática das plateias burguesas com os sofrimentos dos escravos (MERQUIOR,1997).

Curiosamente, é por essa via que acredito se possa dimensionar a sua contribuição à causa da abolição. No momento em que o negro é extremamente coisificado, importa para a campanha afirmar, em altos brados, a sua condição humana e contribuir assim para instalar na burguesia a culpa moral da escravidão. Por outro lado, a afirmação da liberdade era um dos ideais da ideologia predominante.

Se em sua visão idealizadora o poeta não consegue escapar do estereótipo, se ele não dá voz ao negro, mas se comporta como um advogado de defesa que quer comover a plateia e provar a injustiça da situação que denuncia, tenhamos presente, entretanto, que é ele quem assume, na literatura brasileira, o brado de revolta contra a escravidão, abre espaços para a problemática do negro escravo, num momento histórico em que o negro era, como assinala Antonio Candido (1995), “a realidade degradante, sem categoria de arte, sem lenda histórica”. Trata-se, inegavelmente, de um notável feito para a época”.

É um momento em que também emerge o negro infantilizado, serviçal e subalterno. Esse estereótipo permanece, associado à animalização, na figura da Bertoleza, do romance *O cortiço* (1900), de Aluísio Azevedo:

Bertoleza é que continuava na cepa torta, sempre a mesma crioula suja, sempre atrapalhada de serviço, sem domingo nem dia santo: essa, em nada, em nada absolutamente, participava das novas regalias do amigo: pelo contrário, à medida que ele galgava posição social, a desgraçada fazia-se mais e mais escrava e rasteira. João Romão subia e ela ficava cá embaixo, abandonada como uma cavalgada de que já não precisamos para continuar a viagem (AZEVEDO,1900).

O negro ou o mestiço de negro erotizado, sensualíssimo, objeto sexual, é uma presença que vem desde a Rita Baiana, do citado *O cortiço*, como “Nega Fulô”, suaviza-se nos Poemas da negra (1929), de Mário de Andrade e ganha especial destaque na configuração das mulatas de Jorge Amado. A propósito, a ficção do excepcional romancista baiano contribui fortemente para a visão simpática e valorizadora de inúmeros traços da presença das manifestações ligadas ao negro na cultura brasileira, embora não consiga escapar das armadilhas do estereótipo.

A prevalência da visão estereotipada permanece dominante, aliás, na literatura brasileira contemporânea, pelo menos até os anos de 1960, quando começam a surgir, paralelamente, textos comprometidos com a real dimensão da etnia. Cito alguns exemplos representativos do primeiro posicionamento.

No teatro, um exemplo significativo é o *Cristo de Ariano Suassuna* (1970), na cena culminante do julgamento do Auto da Compadecida. O estranhamento da popular figura folclórica do personagem João Grilo, diante de sua caracterização como negro é sintomaticamente revelador:

JOÃO GRILO: – Muito bem. Falou pouco, mas falou bonito. A cor pode não ser das melhores, mas o senhor fala bem que faz gosto.

A fala seguinte do Cristo, justificando a figura que assumira é também culturalmente reveladora:

MANUEL: – Muito obrigado, João, mas agora é sua vez. Você é cheio de preconceito de raça. Vim hoje assim de propósito, porque sabia que ia despertar comentários. Que vergonha! Eu, Jesus, nasci branco e quis nascer judeu, como podia ter nascido preto. Para mim tanto faz

um branco ou um preto. Você pensa que sou americano para ter preconceito de raça?  
(SUASSUNA,1970, p.84-86)

A passagem citada fala por si. Repare-se que nem Deus pode ser negro sem despertar estranheza até do homem simples do sertão, e o próprio Cristo tem necessidade de se explicar.

Na obra do mestiço Mário de Andrade (1893-1945), encontro algumas passagens reveladoras de uma posição dividida, a acreditar-se na identidade entre o eu lírico e poeta. Na “Meditação do Tietê” aparece uma referência à vinculação com a etnia:

“Eu me sinto grimpado  
Eu me sinto grimpado no arco da Ponte das Bandeiras,  
Bardo mestiço, e meu verso vence a corda  
Da caninana sagrada, e afina com os ventos dos ares, e  
[enrouquece Úmido nas espumas das águas do meu rio  
E se espatifa nas dedilhações brutas do incorpóreo” (ANDRADE,1987,p.23)

O herói Macunaíma, do romance do mesmo nome, de sua autoria, é, nas suas mutações, singularmente representativo, quando nasce preto e vira branco.

Machado de Assis tem merecido considerações especiais. Há quem defenda que o fato de um mestiço ser um dos maiores, senão o maior dos escritores brasileiros, é altamente significativo para a causa da afirmação da etnia, embora não se encontre em sua obra ficcional uma assunção ideológica nesse sentido. Outros mais consideram que a sua crítica mordaz à sociedade brasileira de seu tempo revela um modo de participação que o vincularia a uma certa literatura-denúncia. Há não-presença de um protagonismo negro no texto machadiano em uma sociedade carioca repleta de negros, é uma ausência repleta de significados. Se é uma sociedade cheia de negros, porque esses negros não aparecem na literatura? Que mecanismos os tornam invisibilizados? Por que o desejo de uma elite dominante de os marginalizarem? A não-presença negra nos textos machadianos nos trazem essas problematizações.

Segundo, Alespoa (2011)

Sendo Machado de Assis um realista que busca retratar objetivamente a sociedade, parece-me natural que ele espelhe em suas obras não apenas a exclusão social dos negros pelo não domínio da norma padrão, mas ainda as condições humilhantes a que muita vez eles estavam submetidos.

Cruz e Sousa, poeta do simbolismo brasileiro, é de grande relevância. Negro, filho de escravos alforriados assume a luta contra a opressão racial. Sua obra literária, entretanto, evidencia uma posição dividida e conflitada. A confissão de “O emparedado” (1961) não deixa margem a dúvidas, como se pode perceber nas seguintes passagens, entre outras:

O temperamento entortava muito para o lado da África: – era necessário fazê-lo endireitar inteiramente para o lado Regra, até que o temperamento regulasse certo como um termômetro!

[...]

E é por isso que eu ouço, no adormecimento de certas horas, nas moles quebreiras de vagos torpores enervantes, na bruma crepuscular de certas melancolias na contemplatividade de certos poentes agonizantes, uma voz ignota, que parece vir do fundo da Imaginação ou do fundo do mucilaginosos do Mar ou dos mistérios da Noite – talvez acordes da grande Lira noturna do Inferno e das harpas remotas de velhos céus esquecidos, murmurar-me:

– Tu és de Cam, maldito, réprobo, anatematizado! Falas em Abstrações, em Formas, em espiritualidades, em Requintes, em Sonhos! Como se tu fosses das raças de ouro e da aurora, se viesses de arianos, depurados por todas as civilizações, célula por célula, tecido por tecido, cristalizado o teu ser num verdadeiro cadinho de ideias, de sentimentos – direito, perfeito, das perfeições oficiais dos meios convencionalmente ilustres! [...]

Artista! Podes lá isso ser se tu és d’África, tórrida e bárbara, devorada insaciavelmente pelo deserto, tumultuada de matas bravias, arrastada sangrando no lodo das Civilizações despóticas, torvamente amamentada com o leite amargo e venenoso da Angústia!

Filho dessa África que ele chama ainda de “gemente, criação calorosa e sanguinolenta de Satãs rebelados”, “grotesca e triste, melancólica gênese assombrosa de gemidos”, “África de Suplícios, sobre cuja cabeça nirvanizado pelo desprezo do mundo Deus arrojou toda a peste letal e tenebrosa das maldições eternas”, que lhe resta? Ele mesmo responde, com a saída pela evasão: deixar-se “para sempre perdidamente alucinado e emparedado dentro do teu Sonho”. Segundo Filho (2004), Cruz e Sousa tem na sua poesia essa visão negativa se corrobora, sobretudo quando associa à cor branca as qualidades do ideal e ao negro os mesmos aspectos dolorosos e viciosos que vincula à África de origem.

### **3-A MULHER NEGRA NA LITERATURA BRASILEIRA**

Ao se falar da escrita de mulheres negras, necessário se faz voltar ao final da década de 60 para retomar a imagem da escritora Carolina Maria de Jesus. Várias discussões surgiram em torno da escrita de Carolina Maria de Jesus, marcada por sua condição de mulher negra, favelada e de pouca instrução escolar. O que se torna interessante para discutir sobre a escrita de Carolina Maria é o desejo de escrever vivido por uma mulher negra e favelada. O desejo, a

crença e a luta pelo direito de ser reconhecida como escritora, enquanto tentava fazer da pobreza, do lixo, algo narrável.

Quando uma mulher como Carolina Maria de Jesus crê e inventa para si uma posição de escritora, ela já rompe com um lugar anteriormente definido como sendo o dela, o da subalternidade, que já se institui como um audacioso movimento. Carolina Maria de Jesus e sua escrita surgem “maculando” – sob o olhar de muitos – uma instituição marcada, preponderantemente, pela presença masculina e branca (EVARISTO,2008).

Quando lemos sobre a mulher negra na literatura brasileira, em suas diversas épocas e gêneros, nos deparamos com uma imagem deturpada da mulher negra.

Essa, não aparece em uma representação de mãe, matriz de uma família negra, perfil delineado para as mulheres brancas em geral.

No texto ficcional, quase sempre, as mulheres negras surgem como infecundas e por tanto perigosas. Aparecem caracterizadas por uma animalidade como a de Bertoleza que morre focinhando, por uma sexualidade perigosa como a de Rita Baiana, que macula a família portuguesa, ambas personagens de *O Cortiço*, (1890) de Aloísio de Azevedo.

Segundo Sueli Carneiro, (2003, p.50) “as mulheres negras fazem parte de um contingente de mulheres [...] que são retratadas como antimusas da sociedade brasileira, porque o modelo estético de mulher é a mulher branca”

A mulher negra aparece em muitos textos literários em uma condição de subserviência, afônica, sem protagonismo, de forma animalesca e bestial. De acordo com Evaristo,

A representação literária da mulher negra ainda surge ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor. Interessante observar que determinados estereótipos de negros/as, veiculados no discurso literário brasileiro, são encontrados desde o período da literatura colonial. (EVARISTO, 2005)

Podemos analisar que o fazer literário das mulheres negras, para além de um sentido estético torna o lugar da escrita da mulher negra e sobre a mulher negra em um lugar de direito assegurado, como todos os direitos lhe devem ser.

Já na escrita das mulheres negras da contemporaneidade, encontramos o desenho de novos perfis na literatura brasileira, tanto do ponto de vista do conteúdo, como no da autoria. Uma

inovação literária se dá profundamente marcada pelo lugar sócio-cultural em que essas escritoras se colocam para produzir suas escritas. Da condição feminina e negra, nasce a inspiração para esses textos.

#### **4-AVANÇOS NO PROTAGONISMO NEGRO**

Com a sanção da lei 10639/03, torna-se obrigatório o estudo da literatura africana e afro-brasileiras, nas escolas brasileiras. Nesse sentido, a criação da referida lei aponta a necessidade da implementação da lei nas nossas escolas. Com isso, o Brasil avança ao reconhecer a importância de tais temáticas no contexto educacional; por outro, essa medida denuncia o apagamento e a negação experimentados ao longo do tempo. Por isso, é válido discutir o ensino da Literatura negra nesse cenário.

Segundo a autora negra Conceição Evaristo, a textualidade afro-brasileira não condiz com a estereotipia e o apagamento dos corpos, sujeitos e heranças culturais africanas verificadas em parte da literatura brasileira. Do mesmo modo, Cuti, escritor negro, pontua que “a Literatura Negra Brasileira traz também o desafio da primeira pessoa do negro” (CUTI, 2002, p.28).

Diante disso, o trabalho com a literatura negra em sala de aula possibilita o acesso a uma produção literária que rompe com uma tradição dominante na qual predominam autoria e personagens não- negros. Além disso, cria novas representações da figura do negro. Questiona, revisa e reclama o seu papel e lugar na sociedade brasileira. Para os estudantes negros e brancos, o contato com a literatura negra pode significar a construção de outras imagens de si e da comunidade afro-brasileira, distintas daquelas verificadas em outros espaços de produção.

Há na literatura negra, produções que podem ser trabalhadas desde as séries iniciais até as mais avançadas. Através desses textos, os alunos têm contato com personagens negros, com a estética negra, com a presença da religiosidade de matriz africana e afro-brasileira e relações com a ancestralidade. Da mesma forma, os leitores jovens e os adultos experimentam vivências literárias de lutas, desafios e olhares que desconstruem o lugar de subalternidade ao qual sujeitos negros foram e são, em alguma medida, submetidos.

Dentre outros benefícios, o trabalho com a literatura negra possibilita a quebra de silenciamentos historicamente impostos; estimula a discussão sobre questões raciais; é instrumento para o fortalecimento da autoestima negra e combate ao racismo; visibiliza a produção de autores que ainda encontram dificuldades no mercado editorial. Além disso, trazer para o currículo escolar tal produção é uma forma de promover e garantir a diversidade tão necessária para a formação educacional.

Há no mercado hoje, editoras que trabalham, exclusivamente, com a temática étnico-racial, como a MAZZA , KITABU, NADYALA, dentre outras. Nessas editoras, encontramos uma infinidade de livros que têm o negro como protagonista, como agente, como sujeito do próprio destino. Muitos desses livros escritos por autores negros.

No trabalho, em sala de aula, tenho a preocupação de discutir com os alunos os clássicos literários que fazem parte do currículo com um outro enfoque. Nessas obras, o negro, na maioria das vezes, é invisibilizado , animalizado, objetizado. Problematizo com a classe o porquê daquilo, instigo à pesquisa para que o aluno conheça o contexto histórico em que aqueles livros foram escritos. Por outro lado, levo, também, textos modernos em que o negro é ressignificado de forma positiva. Para que os estudantes saibam de acordo com Chimamanda Adichie: “O perigo de uma única história” .

Muitos significativos, na educação infantil, são os livros que valorizam a estética negra, como os livros “Os Cabelos de Lele”, de Valéria Belém (2012); “As Tranças de Bintou”, de Diouf (2004).

Temos na escola, em que trabalho, um espaço destinado à literatura africana, denominado “Afroteca” em que a literatura negra tem destaque durante todo o ano letivo e não, somente, durante o mês de novembro intitulado como o “Mês da Consciência Negra”.

### **3-CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em relação a produção literária do último século e do começo do atual, predomina o estereótipo de um personagem negro ou mestiço caracterizado como elemento perturbador do equilíbrio familiar ou social, outras vezes como negro heroico e muitas outras como negro

humanizado, amante, força de trabalho produtivo, vítima sofrida de sua ascendência, elemento tranquilamente integrador da gente brasileira. No entanto, esse estereótipo vem-se diluindo desde as duas décadas finais do século passado, diante dos posicionamentos daqueles que seguem empenhando na luta pela afirmação cultural e pela legítima e devida integração do negro à sociedade brasileira, para além dos preconceitos e discriminações.

Ao assumir a literatura como espaço de conscientização, de singularização e de afirmação cultural, ao se posicionar como sujeito do discurso literário, o negro enfrenta novas e sutis armadilhas marginalizadoras; visto que a literatura, durante muito tempo, foi reservada à classe dominante.

Considera-se negra uma literatura feita por negros ou por descendentes assumidos de negros e, como tal, reveladora de visões de mundo, de ideologias e de modos de realização que se caracterizam por uma certa especificidade, ligada a um intuito claro de singularidade cultural. O que caracteriza uma literatura negra não é somente a cor da pele ou as origens étnicas do escritor, mas a maneira como ele vai viver em si a condição e a aventura de ser um negro escritor. Não podemos deixar de considerar que a experiência negra numa sociedade definida, arrumada e orientada por valores brancos é pessoal e intransferível. E, se há um comprometimento entre o fazer literário do escritor e essa experiência pessoal, singular, única, se ele se faz enunciar enunciando essa vivência negra, marcando ideologicamente o seu espaço, a sua presença, a sua escolha por uma fala afirmativa, de um discurso outro – diferente e diferenciador do discurso institucionalizado sobre o negro – podemos ler em sua criação referências de uma literatura negra.

Será negra a arte literária feita por quem quer que seja, desde que tenha como foco o povo negro, em suas especificidades sociais e culturais.

À literatura associa-se, também, os movimentos de afirmação do negro, a partir de uma tomada de consciência de sua situação social, como agentes construtores e formadores da nação brasileira.

Precisamos levar em consideração a contribuição literária dos negros e dos descendentes de negros que trazem para seus textos a problematização da etnia. Há que denotar à literatura um

lugar de afirmação e singularização de identidades múltiplas e várias, que marca positivamente ou negativamente um povo.

É importantíssima a ocupação pelos negros e seus descendentes de espaços literários e de outros espaços igualmente culturais até então timidamente frequentados.

A partir, portanto, da conjunção dinâmica desses cinco grandes fatores – temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público – pode-se constatar a existência da literatura afro-brasileira em sua plenitude. Esses fatores atuam como pressupostos teóricos e críticos a operacionalizar uma produção que se distingue da literatura brasileira *tout court*, conforme enfatiza LOBO (1993):

Para arrancar a literatura negra do reduto reducionista da literatura em geral que a trata como tema folclórico, exótico, ou como estereótipo, é preciso que ela seja, necessariamente, uma literatura afro-brasileira.

Para finalizar, gostaria de frisar que esse texto, muito longe de esgotar quaisquer possibilidades de abordagem das literaturas afro-brasileira na escola, objetiva contribuir para a reflexão sobre as possibilidades de inovar os currículos, introduzindo novos autores, textos, problemas e perspectivas. Trata de reflexões, de alguns caminhos dentre os muitos que podem ser construídos para que, de fato, a Lei 10639/03 seja cumprida e a formação literária de nossos estudantes possa ser enriquecida a partir de uma perspectiva multicultural.

Assim, junto com os meus alunos, descubro uma literatura negra que está se construindo, sendo reconhecida, aclamada. Uma literatura que vem transformando uma geração leitores, sejam eles negros ou não-negros, que ao se aprofundar na temática da literatura africana, não verão o negro com os mesmos olhos que viam e, espero, que se indignam com a marginalização que a nós negros foi reservada, durante séculos no Brasil, através de uma literatura que construa uma imagem positiva do negro e ao mesmo tempo denuncie a discriminação, o racismo.

A escola enquanto espaço de formação de identidade e responsável por suscitar o respeito à diversidade deve repensar suas práticas educativas, pois quando, essas práticas não dão lugar a um trabalho sistemático em que a questão racial não é tratada como folclore ou em datas

comemorativas, o espaço escolar continuará contribuindo para uma imagem estereotipada e exótica do negro. Para isso, a literatura negra, o protagonista negro é de grande relevância, para que o aluno afrodescendente possa se encontrar nos personagens, ter orgulho de sua origem étnica e possa ocupar um lugar que por direito é seu, dentro da literatura brasileira, que durante tanto tempo lhe foi negado.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda. *O perigo de Uma única História*. Disponível em:<  
<https://www.youtube.com/watch?v=wQkI7RPuhW8>>. Acesso em 23/3/2016

ABRAMOWICS, Anete.Gomes, Nilma Lino. *Educação e raça - Perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010

ALESPOA. *Machado de Assis: o racista*. Disponível em:  
<https://salespoa.wordpress.com/2011/05/24/machado-de-assis-o-racista/>. Acesso em:  
23/3/2016

ALVES, Antonio de Castro. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1960

ANDRADE, Gentil de. *Pensamentos e reflexões de Machado de Assis*. Rio de Janeiro,Civilização Brasileira, 1990.

ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. Ed. crítica de Diléia Zantto Manfio. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/Edusp, 1987

\_\_\_\_\_.*Macunaíma*. São Paulo, Ática, 1986

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. São Paulo, Ática, 1974.

\_\_\_\_\_. *O mulato*. São Paulo, Martins, 1974.

- BARRETO, A. H. de Lima. *Clara dos Anjos*. 6ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1978
- BELEM, Valéria. *Os Cabelos de LELE*. Editora: Ibep Nacional, 2012
- BERND, Z. *Introdução à literatura Negra*. São Paulo: Ed. Brasiliense. 1988.
- BROOKSHAW, David. *Raça e cor na literatura brasileira*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1979.  
\_\_\_\_\_. *Literatura e resistência*. São Paulo, Cia. das Letras, 2002.  
\_\_\_\_\_. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. São Paulo, Ática, 1999.
- CADERNOS NEGROS. São Paulo: Ed. dos autores/Quilombhoje. 1978-2008
- CANDIDO, Antonio. “O direito à literatura”. In: *Vários Escritos*. São Paulo: Duas cidades, 1995, p. 235-263.
- CARNEIRO, Sueli. “Enegrecer o Feminismo: A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero” in *Racismos Contemporâneos*, org: Ashsoka /Takano Ed, Cidadania, Rio de Janeiro, 2003
- CUTI, Luiz Silva. “O leitor e o texto afro-brasileiro” In: FIQUEIREDO, Maria do Carmo Lana; FONSECA, Maria Nazareth Soares (org). *Poéticas afro-brasileiras*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, Mazza Edições, 2002. p. 19-36.
- DALCASTAGNÈ, Regina. “Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. Estudos de literatura brasileira contemporânea. n. 31. Brasília: UNB, janeiro/junho 2008. p. 87-110.
- DIOUF, Sylviane Ana. *As Tranças de Bintou*. Editora: Cosac Naif:2004

DUARTE, E. A. “Literatura afro-brasileira um conceito em construção”. (texto consultado no site <http://www.letras.ufmg.br/literafro/afrodescendenciaseduardo.pdf> em 7 de março de 2016)

EVARISTO, Conceição - Revista Palmares: cultura afro-brasileira, 2005 - palmares.gov.br

EVARISTO, Conceição. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. Belo Horizonte: 2009. p.17-31

GUIMARÃES, Bernardo. *A Escrava Isaura*. Editora: Martin Claret. Ano de Publicação: 2001. Edição:12

IANNI, O. “Literatura e consciência” In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo: 1988.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 8 ed. São Paulo: Ática, 2000.

LOBATO, Monteiro. *A onda verde e O presidente negro*. São Paulo, Brasiliense, 1951.

LOBO, LUIZA, “A Pioneira Maranhense Maria Firmina dos Reis” in *Estudos Afro-Asiáticos*, RJ – nº 16 – 1989

LOBO, Luiza. *Crítica sem juízo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

LOPES, Nei. *Incursões sobre a pele*. Rio de Janeiro, Artium, 1996.

MACHADO DE ASSIS, J. M. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1959, 3 vols.

MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides*. Breve história da literatura brasileira. Rio de Janeiro, José Olympio, 1977.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: Usos e Sentidos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009

ORLANDI, E. P. *A leitura e os leitores*. Campinas: Pontes, 1998

PROENÇA FILHO, Domício. *Dionísio esfacelado: (Quilombo dos Palmares)*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1979.

\_\_\_\_\_. *A linguagem literária*. 7ª ed. rev., São Paulo, Ática, 1999.

\_\_\_\_\_. *Pós-modernismo e literatura*. 2ªed., São Paulo, Ática, 1992.

\_\_\_\_\_. Notas para um debate sobre literatura negra. I Perfil de Literatura Negra. Mostra Internacional de São Paulo, São Paulo, 1985.

\_\_\_\_\_. A participação da literatura no processo abolicionista. II Perfil de Literatura Negra. Mostra Internacional de São Paulo, 1987.

RAMOS, Lisandra. *Por que trabalhar com Literatura Negra em sala de aula?* Disponível em:< <http://www.geledes.org.br/por-que-trabalhar-com-literatura-negra-em-sala-de-aula>>.

Acesso em: 23/3/2016

SARTESCHI, Rosângela. *Diversidades e Desigualdades*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, agosto de 2011

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se Negro*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SOUSA, João da Cruz e. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1961.

SUASSUNA, Ariano. *Auto da Compadecida*. 6ª ed., Rio de Janeiro, Agir, 1970.